

27 DE SETEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27906
de 27 de Setembro de 2007,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



IGREJA
DAS
MARINHAS
Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento Património do *Diário do Minho* desta quinta-feira é dedicado à igreja de São Miguel das Marinhas, que por estes dias vive a festa do seu padroeiro, que se celebra depois de amanhã. A freguesia das Marinhas foi, até ao século XV, o grande centro urbano do actual concelho de Esposende. A transformação da capela de Nossa Senhora da Graça em Matriz de Esposende foi um dos factores impulsionadores da criação de um novo centro, Esposende, que acabou não só por se tornar independente, como sobrepor-se às Marinhas. É por isso inevitável que haja pontos comuns entre o suplemento de hoje e o sobre a Matriz de Esposende.

A paróquia das Marinhas é antiquíssima e preme de história. É a partir dos finais do século XI e o alvorecer da centúria seguinte que Marinhas assume a sua identidade como freguesia, ainda que com o nome de Cepães.

A actual igreja é muito recente, uma vez que a antiga sofreu uma grande transformação, ganhando não só uma segunda nave como uma imponente torre sineira. Ainda assim, restam excelentes referências, particularmente do século XVIII e alguns vestígios do românico, os cachorros.

É de registar, ainda hoje, a grande vivacidade de confrarias e movimentos pastorais, que estão "mortos" em outras paróquias. São os casos das confrarias das Almas e do Santíssimo Sacramento e do Apostolado da Oração.

A primeira igreja das Marinhas, segundo os documentos analisados pelos investigadores, deverá ter sido construída no núcleo de Cepães, um lugar que ainda hoje existe na toponímia desta freguesia. Um desses investigadores é Franquelim Neiva Soares que, no livro "Marinhas - Monografia Histórico-Religiosa", cita os primeiros documentos conhecidos que referem esta localidade e o seu padroeiro. «No reino de Leão funda-se o Condado Portucalense, com D. Henrique e D. Teresa. É aqui que temos os primeiros balbuzeios referentes

Primeira igreja das Marinhas foi construída no lugar de Cepães



> A primeira igreja terá sido edificada não muito longe da actual

à freguesia de Cepães, depois chamada Marinhas, ecos distintos de um passado relativamente remoto», realça.

Segundo o historiador, o mais antigo documento é do século XI, «embora se conheça só uma cópia do século XII», tratando-se do «Censual de Entre Lima e Ave», onde aparece «Cepães, no arcediogo de Neiva, sob o número 385, com o nome de "Micahelle de Cepanes", pagando "III modios de trigo"»

Entre os restantes documentos citados pelo investigador, salienta-se um outro datado de 1145, que se refere concretamente às igrejas de Gandra e Cepães, onde se pode ler o seguinte: "Archiepiscopus receipt medietatem tritici (...) et ecclesie de Zopanes (...) et est statutum quod in ecclesia de Gandera et de Zopanes pontificale jus spectet".

«É, portanto, nos finais do século XI e princípios do século XII que se regista a certidão de nascimento da actual freguesia das Marinhas, com a denominação de Cepães, ainda hoje vigente num dos lugares da freguesia», salienta Franquelim Neiva Soares.

Onde ficava a igreja?

Assim, é legítimo agora perguntar

onde ficaria situada essa "ecclesia de Zopanes", referida nos documentos, e que deveria ser, certamente, um templo românico que serviria um vasto território, onde se englobava Esposende, que só se tornaria independente das Marinhas no século XVI. A resposta é dada por Franquelim Neiva Soares neste seu estudo. «É de presumir que se situasse no lugar de Cepães, provavelmente, onde hoje se situa a capela de S. Sebastião, a uns escassos 250 metros da actual igreja paroquial. O seu orago já era S. Miguel, o que é claríssimo nos documentos do final do século XI e de 1174», salienta. Refira-se que este último é referente a uma doação ao Arcebispo D. João Peculiar e nele pode ler-se "in villa Gontemir prope ecclesiam Sancti Michaelis de Zopanes subtus montem Sancti Fausti discurrentibus aquis ad oceanum magnum mar territorio Braccarense".

Para Franquelim Neiva Soares, S. Miguel seria mesmo «o orago da igreja primitiva, deslocada depois para o local da actual conservando o mesmo orago». «Posteriormente é que se teria feito a capela de S. Sebastião, de grande devoção no povo, não fosse o advogado contra a pes-

te, a fome e a guerra, tão frequentes nesses tempos», acrescenta.

Ainda segundo o investigador, «no século XIV há preciosos documentos expressamente referentes a esta freguesia, alguns de altíssima importância por registarem já a denominação actual de Marinhas». Um desses documentos, refere, é de 1357 e diz respeito a «uma composição que Bernardo do Moinho, abade de S. Miguel das Marinhas, fez com o seu freguês Estevão João, chamado Regado, almocreve, pela qual este se obrigou a pagar ao dito abade em cada ano seis soldos de dízimo por cada besta com que fizesse carroto». «O abade tratou de garantir os direitos paroquiais, sobretudo o dízimo, que se pagava por tudo: animais, searas, negócios, etc. E garantiu-o alcançando uma importância em dinheiro por cada besta com que trabalhasse», conta. Outro documento importante data de 1358 e é referente à anexação de Gandra às Marinhas. A Europa vivia momentos difíceis com a peste negra, cujos efeitos catastróficos chegaram à freguesia das Marinhas. «O seu abade ou reitor Bernardo de Molendino expôs ao arcebispo D. Guilherme a situação muito pre-

cária da igreja de Cepães por causa dos infinitos encargos que tinha de suportar, mas que não podia satisfazer por razão da mortalidade e das areias do mar que invadiram a terra», afirma o investigador, acrescentando que a solução encontrada pelo prelado foi anexar, no temporal e espiritual, Gandra às Marinhas. Mais tarde, «no primeiro quartel do século XV, a igreja de Marinhas, que era da mesa arceiepiscopal, foi anexada ao Cabido de Braga pelo grande Arcebispo D. Fernando da Guerra, atendendo a que os frutos da mesa capitular diminuiram muito com as guerras e outras calamidades», conta Franquelim Neiva Soares.

Já no século XVI, mais concretamente a 1 de Setembro de 1537, Pero Anes, «abade de S. João de Vila Chã, por bula de Júlio II de 4 de Outubro de 1512, obteve uma provisão, passada em Lisboa, do núncio Jerónimo Riconati Capodiferro, pela qual foi provido o mosteiro de S. João de Arga; por outra provisão, passada nove dias depois pelo mesmo núncio, foi anexada a vigararia das Marinhas ao dito mosteiro, enquanto ele o tivesse», acrescenta o investigador.

Elementos românicos testemunham antiga igreja das Marinhas

A actual igreja das Marinhas ainda preserva alguns elementos românicos, certamente reaproveitados do templo anterior, como é o caso dos cachorros exteriores na estrutura da capela-mor.

Pressupondo-se que a primeira igreja terá sido construída no lugar de Cepães, como se pode atestar pelos documentos históricos, é legítimo perguntar quando é que ela terá sido reconstruída no local onde se encontra o actual templo. Olhando para a bibliografia, a resposta fica, aparentemente, por dar, uma vez que os investigadores não apontam nenhuma data em concreto.

No entanto, é possível perceber como era essa igreja, com o retrato que Franquelim Neiva Soares apresenta no livro "Marinhas – Monografia Histórico-Religiosa". Segundo explica, «pelos restos que sobreviveram da antiga igreja paroquial na sua fase recente e no local actual, constata-se ter sido um edifício baixo, românico, que deve ter sofrido várias modificações, acrescentos e modernizações, como a maioria dos edifícios religiosos».

«Constava de duas nave separadas por quatro colunas graníticas, cilíndricas e lisas, com simples mas belos capitéis, que suportavam cinco arcos divisórios; a parede norte é a primitiva, que conserva ainda a cachorrada românica, por vezes historiada», acrescenta.

Ainda segundo o investigador, a igreja tinha três portas, a principal e duas laterais e, no seu interior havia uma pia baptismal, um púlpito, com a respectiva escada de acesso, e a pia de água benta.

Franquelim Neiva Soares refere que, tal como era usual até 1885, todos os mortos, com poucas excepções, eram sepultados dentro da igreja. «Só se registam também enterros nos adros no segundo livro misto, isto é, no período de 1662 a 1702; depois só aí se enterram pessoas desconhecidas que apareciam na praia ou pessoas da paróquia mas sem fé, o que praticamente nunca acontece, a não ser em caso de grave perturbação mental, e portanto sem obrigação de inumação fora do sagrado», afirma.

Sacrário data de 1651

Outro dado importante avançado pelo historiador diz respeito à autorização da colocação do Sacrário na igreja das Marinhas, cuja licença foi concedida em Braga, a 28 de Fevereiro de 1651, pelo Doutor Francisco Pereira Salgado, governador, provisor e vigário geral na corte e arcebispado de Braga.

«A escritura da doação de bens para o seu património data de 5 de Fevereiro, fazendo-se na própria igreja aonde vieram o tabelião da

vila de Esposende António Gonçalves de Moraes e a maior parte dos fregueses com suas mulheres, que doaram importâncias em dinheiro ou dádivas em trigo, garantindo essas ofertas perpetuamente através da hipoteca de certas propriedades», relata Franquelim Neiva Soares.

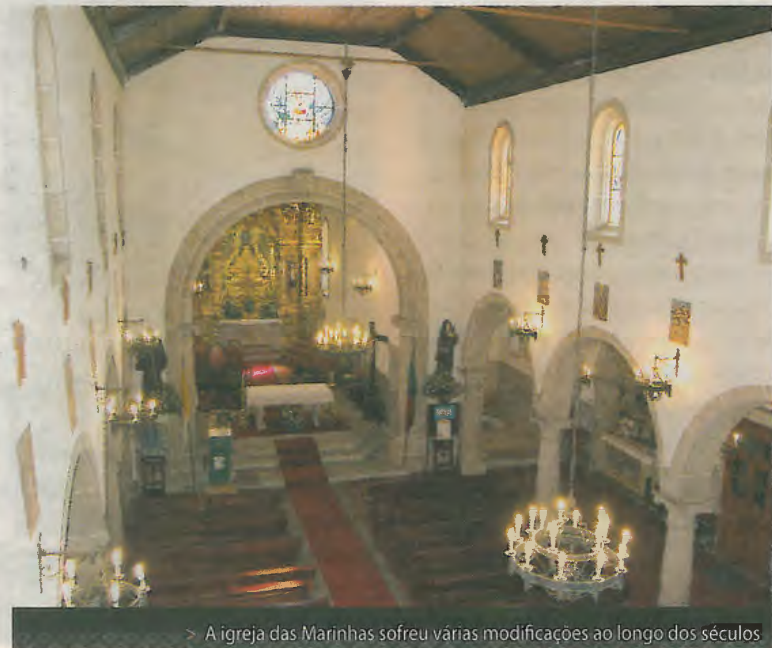
Já em 1736 o visitador manda aos fregueses das Marinhas fazer uma tribuna na capela-mor para o Santíssimo Sacramento, o que se revelaria complicado devido ao facto «de a capela-mor ser da incumbência do Cabido na administração, conservação e paramentos», e, por isso, as obras foram sendo adiadas. Com o acumular das multas, conta o historiador, «os fregueses acharam por bem obrigarem-se eles a todas as obras necessárias», tendo sido estabelecido um acordo entre o Cabido e os oficiais da confraria do Santíssimo Sacramento.

Pela escritura assinada a 17 de Outubro de 1741, acrescenta, ficou estipulado que «a confraria faria a tribuna e retábulo para o altar-mor, mas sem ficar, para o futuro, obrigada ao retábulo, mas tão-somente à tribuna ou camarim; o cabido, por seu lado, só teria, para o futuro, obrigação ao retábulo e nunca à tribuna ou camarim». O acordo previa ainda que a confraria dourasse e pintasse o retábulo e a tribuna.

Quando tudo parecia estar pronto, surgem então problemas. «Por azar», explica Franquelim Neiva Soares, a capela-mor não estava «em termos de nela se porem os referidos melhoramentos», sendo necessário fazer-lhe «crescer ao comprimento cinco palmos, levantar à altura quatro, abrir de novo uma fresta, mudar a porta da sacristia e, por fim, emadeirar e forrar de novo a dita capela-mor» e, «mais uma vez a zelosa e sacrificada confraria se comprometeu a fazer tudo isso à sua custa». Tudo isto levou à necessidade de novas negociações com o Cabido, chegando-se à nova escritura de obrigação a 28 de Abril de 1758.



> Cachorrada na parede norte exterior da capela-mor



> A igreja das Marinhas sofreu várias modificações ao longo dos séculos



> A tribuna foi colocada no século XVIII

ACTUAL TEMPLO É UMA REEDIFICAÇÃO DO SÉCULO XX

Igreja paga com apólices da dívida pública do Brasil

Não há uma data certa nem para o início nem para o fim da reconstrução da nova e imponente igreja das Marinhas. São os próprios autores do livro "Marinhas - Monografia Histórico-Religiosa", quem lamenta a falta de escritos daqueles que acompanharam de perto os trabalhos. No entanto, é possível deduzir que a sua reedificação aconteceu entre 1929 e 1940, isto se levarmos em atenção uma oferta de 1500 telhas provenientes da Casa Viúva Campos, no dia 16 de Abril de 1939, «para a nave sul», exactamente a nave construída de raiz. Porém, sabe-se que, um ano antes, já estava instalada a luz eléctrica tanto na igreja como na residência paroquial.

Nota-se que, no livro "Espozende e o seu concelho", publicado em 1936, Teotónio da Fonseca dizia: «pelas proporções que leva, ficará um santuário grandioso». Faltava parte da sineira, o coro estava incompleto, entre outros locais.

Uma das curiosidades destas obras, de grande complexidade e muito dispendiosas tem que ver com o facto de parte das despesas terem sido pagas com a venda de apólices da Dívida Pública do Brasil, como se pode ler na publicação supracitada. «As despesas foram enormes e venderam-se inclusive quatro apólices de Dívida Pública do Brasil para as ajudar». Isto quer dizer que esta operação terá sido feita por algum benemérito português no Brasil.

Contudo, este "expediente" foi apenas uma das formas de pagamento, sendo que, já nessa altura, também os cortejos e os donativos dos benfeitores eram o principal meio para custear as obras. Quando o padre Francisco Dias Cubelo Soares chegou às Marinhas, em Setembro de 1920, encontrou uma igreja, além de interdita, pequena e em «fraco estado de conservação». O sacerdote, motivado também pelos ventos de mudança que se registavam no País, nomeadamente a devolução dos bens da igreja, meteu mãos a umas obras que só recentemente ficaram completamente concluídas.

Pelo arrolamento dos bens da igreja feito em 1911 e pela restituição dos mesmos em 1929, ficou-se a saber que o templo tinha «uma torre com três sinos, adro, cruzeiro e sacristia e muito paramento, de que merece especial destaque uma casula rica do cónego Morgado», lê-se.

Uma nova igreja

As obras levaram praticamente à refundação da igreja. É verdade que, em teoria, o templo já tinha duas



> A nova igreja é maior e tem outra configuração



> O interior também ficou completamente transformado

naves, a central e a lateral/norte e uma torre sineira, isto é, ganhando apenas mais uma nave. No entanto, na prática, foi tudo novo, uma vez que as actuais naves são significativamente maiores, assim como a sineira tem outra elevação.

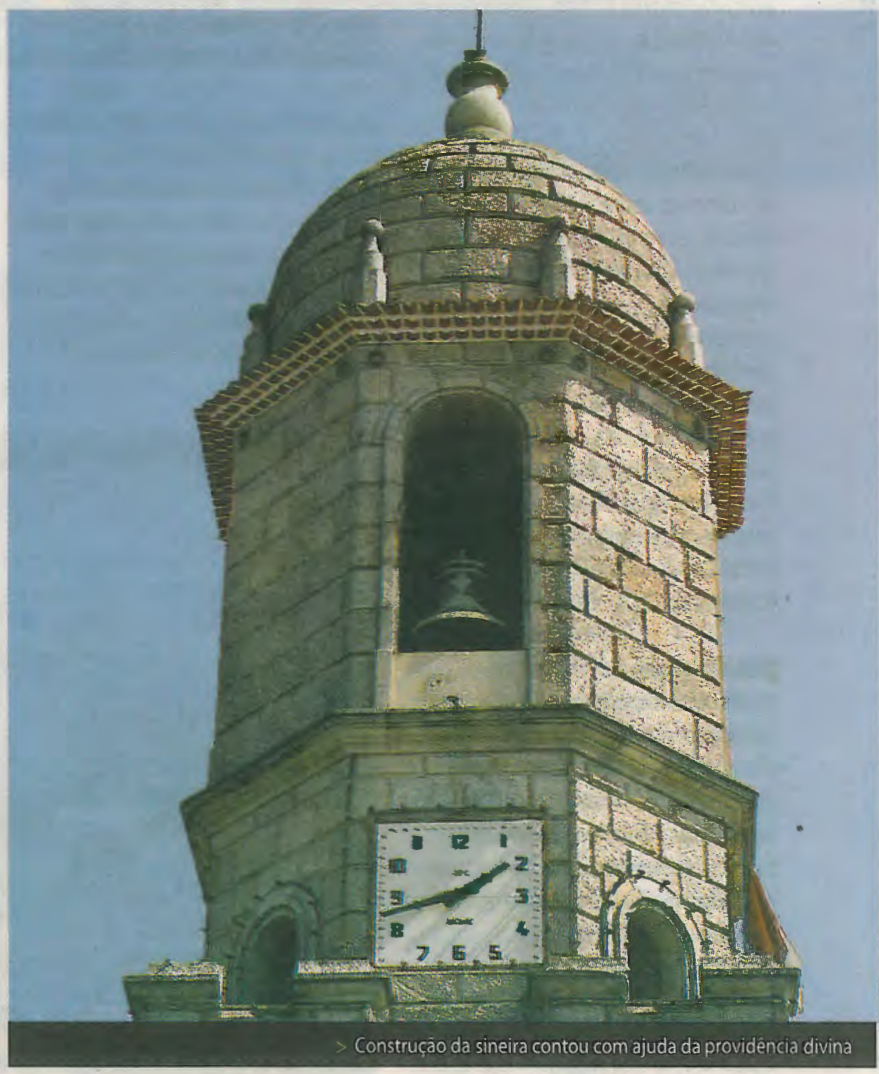
«Do edifício velho ficaram apenas a parte norte com a sua antiga cachorrada e a arcaria da nave norte», escreveram os autores do livro "Marinhas - Monografia Histórico-Religiosa". Felizmente, houve sensibilidade e bom senso em preservar, provavelmente, os mais importantes vestígios históricos e artísticos do passado, a par do altar-mor. Referimo-nos à cachorrada com elementos românicos e ao tecto abobadado da antiga capela do Santíssimo Sacramento, com muitas figuras vegetalistas e naturalistas e mesmo algumas de cariz mitológicas. Observando a igreja "refundada", vê-se uma igreja com uma nave central, a maior, e duas laterais. As colunas robustas suportam os sucessivos arcos de volta perfeita. Os capitéis são decorados com elementos carregado de simbologias, nomeadamente o Sol e o Cordeiro, que simbolicamente representa Cristo,

entre outras figuras. São elementos harmoniosos que dão à igreja das Marinhas uma interessante monumentalidade e valor artístico.

Nessa altura, a igreja ficou com duas sacristias: uma para as confrarias activas e a outra para a paróquia.

Durante a construção da torre sineira, que faz da igreja o edifício mais alto da freguesia, aconteceu um episódio curioso para a maioria, mas que para o padre Francisco Cubelo teve algo de milagroso, atribuído a Santa Teresinha, de quem era devoto. Está escrito no livro, ainda que sem pormenores, e agora contado pelo actual pároco, padre Avelino. O padre Cubelo estava "afrito" porque não tinha pedra apropriada para os pilares. É numa noite, desprendeuse um grande penedo do monte «e veio parar cá abaixo mesmo a jeito de ser partido e aproveitado».

É interessante verificar que, depois de 1940, a igreja foi sendo apetrechada com ornamentos e objectos litúrgicos utilitários, designadamente o relógio, em 1945, um harmónio usado, em 1947, uma cruz de aço inoxidável e uma nova via-sacra, em 1957, entre outros, sempre com a colaboração do povo, nomeadamente através de cortejos.



> Construção da sineira contou com ajuda da providência divina

ÀS VOLTAS COM A TRIBUNA

Interior da igreja das Marinhas revela antiguidade e arte

Se o exterior da igreja das Marinhas não deixa dúvidas de que se trata de um templo renovado, com excepção da cachorrada românica, é no interior que se revela a antiguidade e boa qualidade artística do imóvel e das suas peças.

Tal como na maioria das igrejas, é na capela-mor da igreja das Marinhas que reside o maior valor artístico, desde logo porque é onde está o "altar maior" com a sua tribuna, uma bela peça de estilo Renascença, embora tenha sido feita já no século XVIII, em pleno período barroco.

A colocação da tribuna revelou-se complicada, em vários aspectos, tendo sido, por isso, um processo demorado. Isto porque, depois de pronta, viu-se que era grande demais para o espaço e a capela-mor teve que ser levantada.

Não deixa de ser curioso que, recentemente, o processo foi ao contrário. Ou seja, com a intervenção, a capela-mor foi elevada e a tribuna ficou curta. Havia que fazer alguma coisa. Ou se arranjava outra tribuna, o que seria uma pena, tendo em conta o valor artístico desta, ou optava-se por um "remendo" com classe.

«Chamámos aqui a Casa Fonseca e, baseando-se na talha existente, fez-se um estudo pormenorizado, por forma a encontrar a melhor solução para o aproveitamento da tribuna antiga. Optou-se pela ampliação. Ficou um trabalho bem feito, com harmonia e quem não sabe deste pormenor não nota nada. Está harmonioso e bonito. Acho que fomos felizes na operação e o altar dá mais beleza a este espaço litúrgico», concluiu o padre Avelino Filipe.

Assim, o altar-mor foi alteado e alargado. A mesa do altar foi recuada, já de acordo com as novas determinações do Vaticano II, e adicionaram os serafins, figuras em atitude de adoração. Um dos aspectos que o pároco gostaria de mudar na igreja tem que a ver com a localização do coro, que está por trás do celebrante, tendo em conta que a mesa da celebração foi aproximada dos fiéis. E as novas determinações obrigam a que o coro esteja à frente, mas está difícil de conciliar. «Desejo tenho mas não vejo hipótese de isto acontecer. Se passasse o coro para o corpo principal da igreja, o espaço ficaria reduzido. Por outro lado, ficava com um espaço vazio atrás. Por isso, pode ser anti-litúrgico, mas para já não há volta a dar», asseverou.

Outras das peças antigas e valiosas que se podem encontrar no interior da igreja são os altares e respectivas imagens. Alguns dos altares laterais



> A tribuna foi retocada e adaptada ao espaço mais amplo



> Tecto da capela, decorada com símbolos religiosos e mitológicos

são referidos no século XVI, como é o caso da Senhora do Rosário, que também teve uma confraria muito forte e com muitos devotos.

Algumas das obras mais recentes

Em termos de antiguidade, é bom sublinhar o antigo altar dos Senhor dos Passos, «Altar do Santo Cristo», das "Almas Velhas". Esta imagem ganhou, recentemente, uma nova visibilidade ao ser colocada no corpo da igreja. Aliás, o mesmo se pode dizer da imagem de Nossa Senhora das Dores, que andava um bocado escondida. Nos últimos tempos não tem havido grandes intervenções no interior. De realçar, ainda assim, as obras pontuais no tecto e, principalmente, no chão. «Substituímos o pavimento, que era soalho, agora tem granito e tijoleira. Estava todo esburacado. Fizemos uma assembleia paroquial para consultarmos a paróquia e saber a opinião dos fiéis sobre qual o material que deveria ser empregue. O material



> Senhor dos Passos e Senhora das Dores, agora mais valorizados

foi decidido consensualmente e a obra foi posta a concurso», explicou.

Além do pavimento, foram adquiridos bancos, que eram «quase cativos para alguns». Os capitéis do lado sul foram enriquecidos com figuras mitológicas. A antiga capela Senhor dos Passos foi intervencionada e passou a ser o baptistério. No exterior, entre outras obras, destaque para as paredes que foram revestidas e pintadas e o relógio, que era de peso, foi substituído. O adro da igreja foi substancialmente melhorado, assim como toda a zona envolvente, onde estão as sepulturas medievais, e o busto do padre Cubelo. Foi colocado relva, bancos, candeeiros, entre outros adornos.

O padre Avelino gostaria de ver mais entusiasmo à volta de uma ideia lançada há alguns anos, que visa, entre outras valências, principalmente culturais, a construção de um anfiteatro multiusos. O desafio já foi lançado aos «maiorais» da freguesia. Está à espera de resposta, uma vez que é uma obra para uns milhares de euros.

Confrarias das Almas e do Santíssimo mantêm-se vivas nas Marinhas

É um facto que as confrarias do Santíssimo Sacramento e a das Almas não seriam as mais importantes na paróquia das Marinhas, mas foram as mais resistentes. Não será, certamente, um caso inédito, mas não deixa de ser interessante e positivamente surpreendente constatar a vitalidades destas duas colectividades nos dias de hoje.

Pelo menos durante todo o século XVIII, a confraria mais poderosa era, sem dúvida, a do Subsino, com muito poder e sobretudo muita responsabilidade na administração dos bens da igreja e nas grandes decisões nas comunidades paroquiais. Em comparação com os nossos dias, a confraria do Subsino desempenhava a maioria das funções das actuais fábricas da igreja.

Contudo, a confraria mais popular nas Marinhas, bem como na maioria das paróquias era a das Almas. Aliás, basta notar que na paróquia havia o altar das Almas Velhas, venerado no Altar do Santo Cristo, com a cruz às costas; e o altar das Almas Novas, no altar do Senhor Crucificado, certamente num novo fôlego à devoção.

Lápide perpetua a erecção canónica

Supõem-se que a Confraria das Almas tenha sido fundada no século XVI, mas só ganhou notoriedade e identidade no século seguinte, quando, a 7 de Dezembro de 1748, o papa Bento XIV, confirmou a sua erecção canónica, como se pode ver na lápide à entrada da capela-mor, onde está perpetuada a efeméride e alguns privilégios concedidos.

«É uma devoção com muita importância na Igreja, sobretudo após a Reforma Protestante, o que levou aos retábulos das Almas nas igrejas e às chamadas Alminhas, espalhadas, pelos lugares e caminhos mais frequentados da freguesia», diziam os autores do livro "Marinhas - Monografia Histórico-Religiosa", publicado em 1982. E a curiosidade reside no facto de, em termos de vivacidade, as coisas continuarem na mesma ou terão mesmo melhorado, como confirma o pároco, padre Avelino Marques Filipe. «Tem tido muita vitalidade. Tem estatutos actualizados e mais de dois mil irmãos, além de estar ligado também ao Apostolado da Oração», disse.

O sacerdote recordou que a Confraria das Almas tem como objectivo sufragar as almas dos irmãos da confraria, rezar pelos vivos e pelos mortos. Assim, todos os meses, no segundo domingo, esta confraria manda celebrar missas pelos irmãos. À tarde, antes da celebração,

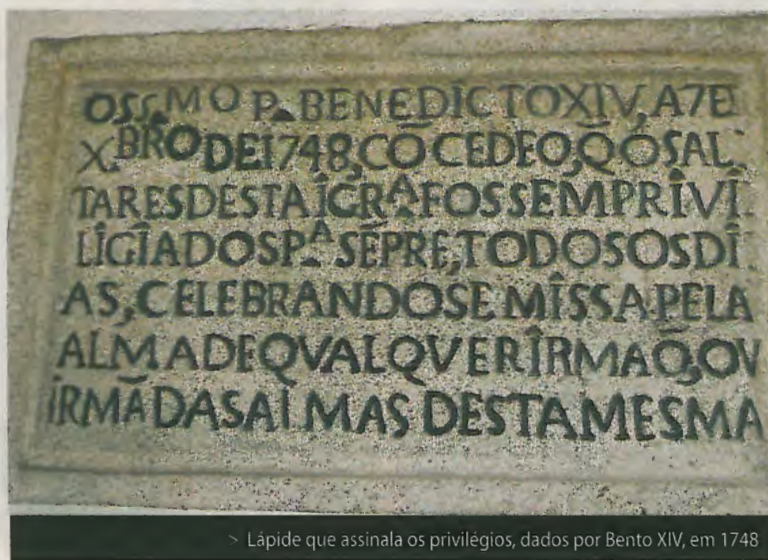


> O altar das Almas é recente, mas a devoção é antiga



> Vitrais com motivos eucarísticos, dão beleza e luz à igreja

promove-se uma romaria ao cemitério, com orações e outros ritos. Quando morre um irmão, o seu funeral é feito com solenidade, com a bandeira da confraria e outros ritos. Nos dias seguintes, rezam-se sete missas pela sua alma. O dia de maior solenidade para a confraria é o dia de Todos os Santos, 1 de Novembro, com ofício solene, deslocação ao cemitério, sermão e confissões. A devoção às Almas nas Marinhas, assim como na maioria das zonas piscatórias, é justificada pelo padre Avelino, por um lado, com o facto de ser um povo da beira-mar, com necessidade de protecção por causa dos acidentes e mortes no mar. Por outro lado, é das poucas coisas a que ninguém pode escapar. «Tem uma relação muito directa com as nossas crenças na eternidade». No decorrer das intervenções ao longo dos tempos, a igreja ficou



> Lápide que assinala os privilégios, dados por Bento XIV, em 1748

sem um altar das Almas, quando noutros tempos teve dois mas a devoção continuou. Por isso, recentemente, foi possível pintar uma tela das Almas, que é o sinal visível da vitalidade da Confraria das Almas.

Confraria do Santíssimo do século XVII

Outra das confrarias em plenas funções é a Confraria do Santíssimo Sacramento ou do Senhor, que terá sido fundada no século XVII,

provavelmente depois da atribuição da licença para a colocação do sacrário em 1651, após garantias das condições para manter o Santíssimo. O padre Avelino explicou que a instituição continua muito viva, com estatutos, eleições no fim de cada mandato há eleições e tem todos os órgãos gerentes em funções, designadamente Direcção e Conselho Fiscal. «Cada lugar tem dois irmãos que dão apoio à direcção na recolha das ofertas mas também nas celebrações. Temos devoções no primeiro domingo a seguir à primeira sexta-feira do mês. A festa do Santíssimo Sacramento é no terceiro domingo de Julho. Temos uma semana de pregação e outras actividades. É, ainda, uma das procissões que consegue congregar toda a paróquia. É um dos fortes momentos de fé da nossa comunidade paroquial», considera.

PARÓQUIA ESTÁ EM FESTA PELO SEU PADROEIRO

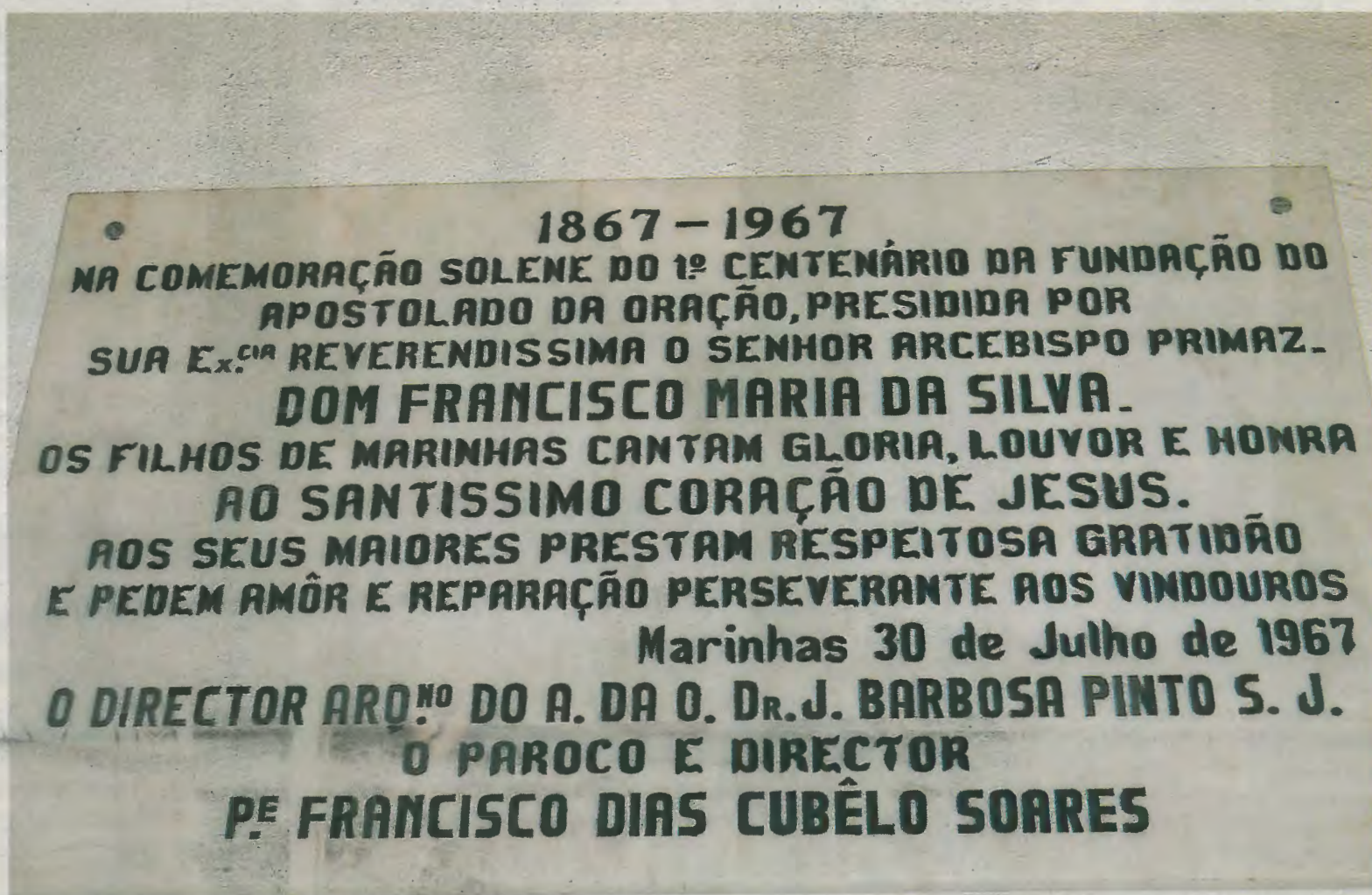
Apostolado da Oração celebra 140 anos de existência nas Marinhas

A Associação do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus celebra 140 anos de existência na paróquia das Marinhas. O ponto alto desta comemoração acontece no último domingo de Novembro, no qual a celebração da Eucaristia irá ser transmitida em directo pela TVI. Recorde-se que o Apostolado da Oração foi fundado a 3 de Dezembro de 1844 em Vals, na França, pelo padre Francisco Xavier Gautrelet e entrou em Portugal em 1864, tendo os seus primeiros estatutos sido aprovados pelo Papa Pio IX. Entre os seus principais objectivos destacam-se a promoção da adoração eucarística, as iniciativas de introdução e aprofundamento da vida de oração, designadamente conferências, debates, congressos, cursos de espiritualidade e actividades afins e a difusão e aprofundamento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

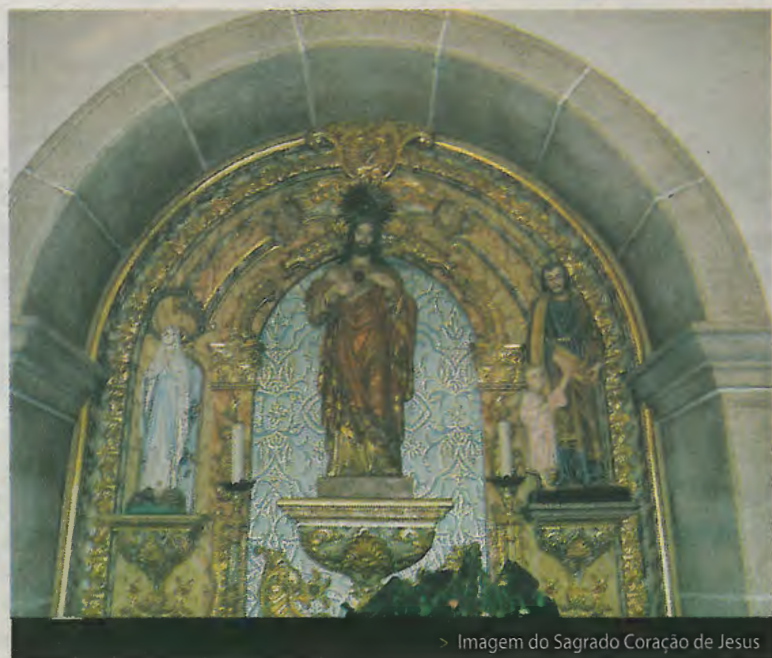
A paróquia das Marinhas, em 1867, foi das primeiras em Portugal a instalar no seu seio a Associação do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus, tendo celebrado, em 1967, o seu centenário, com a presença do então Arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva. Segundo o pároco das Marinhas, neste momento praticamente todas as pessoas fazem parte deste movimento, ou seja, o Apostolado da Oração conta nesta freguesia com mais de seis mil associados. Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês é celebrada a Eucaristia pelos irmãos vivos e falecidos da associação. Por outro lado, todos os anos é também promovida uma semana de pregação que, antigamente, servia de preparação para a Festa do Sagrado Coração de Jesus. Agora, essa semana é realizada no mês de Novembro. «Este ano, na última semana de Novembro vamos ter aqui uma pregação e o conferente vai ser o assistente nacional do Apostolado da Oração, doutor Dário Pedroso. E, no último domingo de Novembro, dia 25, a Santa Missa será transmitida pela TVI», disse o padre Avelino Marques Peres Filipe.

Festas em honra de S. Miguel

Outro momento de festa na paróquia das Marinhas está agendado para este fim de semana, tratando-se das celebrações em honra de S. Miguel, padroeiro desta freguesia do concelho de Esposende. Segundo o pároco, esta festa já teve, em outros tempos, uma outra gran-



> Placa comemorativa do centenário do Apostolado da Oração nas Marinhas



> Imagem do Sagrado Coração de Jesus



> Imagem de S. Miguel no nicho da fachada da igreja das Marinhas

dioidade, que é recordada pelos mais idosos, com algum saudosismo. Antigamente, explica, no tempo do seu antecessor, aproveitava-se o dia 29 de Setembro para também celebrar a festa da Profissão de Fé das crianças que completavam 12 anos. Era ainda neste dia que se entregavam os diplomas da catequese. «Aquilo mexia muito com as pessoas e as crianças viviam com muita ansiedade o dia de S. Miguel

por causa da sua Profissão de Fé», afirma o sacerdote. No entanto, explica, feita uma consulta aos paroquianos, decidiu-se retirar esta cerimónia desta época para passar a ser em Agosto, por causa das aulas, que antigamente só começavam em Outubro, mas que agora iniciam-se em Setembro. «Resultado, ficou um vazio. Começamos a ter uma festa simples porque as pessoas também não estavam

muito motivadas para fazer grandes festas. Inicialmente, foi uma coisa mais ou menos e depois deu-se um pouco mais de expressão. Ainda no ano passado tivemos aqui duas bandas de música e uns conjuntos. Mas é sempre um problema muito grande arranjar pessoas para pertencer à comissão», refere o padre Avelino Marques Peres Filipe. Para este ano, a animação das Festas de S. Miguel vale-se da "prata da

casa", com as actuações dos dois grupos folclóricos da freguesia e de um conjunto também das Marinhas. A Banda de Música de Belinho promete animar as festividades no dia 29 de Setembro, com actuações antes e depois da missa solene marcada para as 10h00. À tarde, pelas 18h00, realiza-se a procissão em honra a S. Miguel, onde cada lugar da freguesia traz uma imagem e a sua bandeira.



> A igreja das Marinhas tem nas suas janelas vitrais com motivos Marianos. Elaborados pela Casa Antunes, no Porto, estas obras de arte foram colocadas em 1988, Ano Mariano.



> A população das Marinhas homenageou em 1990 o seu antigo pároco, padre Francisco Dias Cubelo Soares, que faleceu a 17 de Abril de 1980. O sacerdote esteve nesta paróquia 50 anos.



> A capela baptismal, antiga capela do Senhor dos Passos, foi recentemente intervenção. O painel de azulejos, representando a ressurreição de Jesus, foi oferecido por uma família da paróquia.



> Atrás da igreja das Marinhas estão guardadas duas sepulturas antropomórficas em granito, que foram encontradas no decorrer das últimas obras efectuadas no templo.



> O pároco das Marinhas, padre Avelino Marques Peres Filipe, gostaria que o terreno onde se encontra a casa paroquial fosse aproveitado para a construção de um multiusos, principalmente para fins culturais.



> O orago das Marinhas é S. Miguel, que é festejado a 29 de Setembro. Nos documentos com referências mais antigas a esta freguesia, ou seja dos séculos XI e XII, já aparecem as designações de "Micahele de Cepanes" e "ecclesiam Sancti Michaelis de Zopanes"